

Por Dr. Lauro Arruda - Cardiologista

A vida de OSWALDO Gonçalves CRUZ

Nasceu em 05/08/1872 em São Luiz de Paraitinga (SP), primeiro filho do médico Bento Gonçalves Cruz e de Amélia Tabora Bulhões Cruz, teve cinco irmãs. Aos cinco anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Alfabetizado pela mãe freqüentou as escolas Laure e São Pedro de Alcântara. Na época, não existiam os exames vestibulares, mas para o ingresso nas faculdades exigiam-se exames preparatórios: Oswaldo prestou-os no Colégio Pedro II. Aos 14 anos, em 1887, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Durante o curso médico, demonstrou interesse por uma nova especialidade, a Microbiologia, ramo da ciência que naquela época promovia radicais mudanças na medicina, graças às descobertas de Louis Pasteur e Robert Koch. No segundo ano da faculdade, começou a trabalhar como ajudante e preparador no laboratório de microbiologia do catedrático Rocha Faria. No quinto ano, divulgou na revista “O Brazil Médico” o trabalho “Um micróbio das águas putrefeitas encontrado nas águas de abastecimento de nossa cidade”. Obteve o título de Doutor aos vinte anos, em 1892, com a tese “A veiculação dos micróbios pelas águas”. Poucas horas depois de apresentar sua tese de formatura, recebeu a notícia do falecimento do pai, vítima de insuficiência renal, aos 47 anos.

Com a morte do Dr Bento Gonçalves, Oswaldo passou a ser o responsável pelo sustento de sua mãe e das cinco irmãs. Assumiu a clínica do pai, que funcionava na própria residência da família, e o emprego na fábrica de tecidos Corcovado. Em janeiro de 1893, casou-se com uma vizinha, Emília da Fonseca, filha de um abastado comerciante português, que presenteou o genro com um bem montado laboratório de análises e pesquisas. O casal teve seis filhos: Bento, Elisa, Hercília, Oswaldo, Zahra (morta com um ano de idade) e Walter. Os três filhos homens formaram-se em Medicina.

Em 1894, aceitou o convite para instalar um laboratório de análises na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, instituição filantrópica criada por professores da faculdade de medicina. No centro de estudos da policlínica, além de casos médicos, estudavam-se as línguas em que eram publicados os trabalhos científicos, como o francês e o alemão.

Em abril de 1897, aos 24 anos, embarcou com a mulher e os dois primeiros filhos para uma temporada de dois anos de estudos no Instituto Pasteur de Paris. Contou com o apoio financeiro do sogro e obteve uma bolsa de estudos do diretor do instituto, Émile Roux, em reconhecimento à ajuda dada ao instituto francês pelo imperador brasileiro D. Pedro II.

Previendo as dificuldades que enfrentaria para por em prática no Brasil os novos conhecimentos adquiridos, cuidou de aprender também a técnica de fabricação dos utensílios em vidros (pipetas, ampolas e provetas). Na Europa aprimorou a técnica da fotografia, que foi útil na sua carreira de cientista e também registrando flagrantes do cotidiano brasileiro em suas viagens.

Em 1899 retornou ao Brasil, com a família aumentada, já que Hercília nascera em Paris. Retomou o trabalho na fábrica Corcovado e na Policlínica, e abriu um consultório de Urologia e um laboratório de pesquisa e análises clínicas, o primeiro do gênero no Rio de Janeiro. No mesmo ano foi convidado a integrar uma comissão da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), que foi a Santos investigar a suspeita de um surto de peste bubônica naquela cidade portuária. Permaneceu mais tempo do que o

previsto, pois teve que tratar o colega Vital Brasil e submeter-se a tratamento por ter se contaminado acidentalmente pela peste. Como o soro antipeste era fabricado apenas no Instituto Pasteur de Paris e a demanda da soroterapia no Brasil era crescente, foi criado no Rio de Janeiro, na localidade de Manguinhos, o Instituto Soroterápico Federal. Em São Paulo, o Instituto Bacteriológico converteu-se em Instituto Soroterápico do Estado, depois denominado de Butantan.

Além de seu trabalho no Instituto Soroterápico em Manguinhos, Oswaldo Cruz foi nomeado pelo presidente Rodrigues Alves para a Diretoria Geral de Saúde Pública, com a missão de combater as epidemias de febre amarela, peste bubônica e a varíola. A situação sanitária do então Distrito Federal era tão crítica que os navios que partiam do Rio de Janeiro eram obrigados a cumprir quarentena em outros portos ao redor do mundo. Conseguiu a aprovação do projeto de lei de um plano sanitário para o país, que foi muito criticado por parte da classe médica, que não concordava com os novos métodos de prevenção e combate às endemias. O plano também era criticado pela população, por causa da obrigatoriedade da vacinação anti-varíola. Ocorreu na época a chamada revolta da vacina, com a imprensa criticando Oswaldo Cruz, que foi tema de charges que denegriam sua imagem. Ele foi criticado até por Rui Barbosa.

Em setembro de 1905, partiu em uma expedição sanitária que percorreu trinta portos do Brasil, durante 111 dias. A bordo do rebocador República, atracou no porto de Natal em meados de outubro, onde fez visita ao governador Augusto TAVARES DE LIRA e reuniu-se com o Dr Afonso Loiola Moreira BARATA, que era o inspetor de saúde do porto. Seguiu para Macau, com uma parada em Touros, onde teve contato com uma pequena população mal nutrida e que morava em choupanas, com os homens ocupados com a pesca e as mulheres com rendas de bilro e labirinto. Depois de Touros e Macau seguiu para Areia Branca, onde conheceu o flagelo da seca -que perdurava por quatro anos- e a beleza das salinas. Continuou então sua viagem, com destino ao Ceará.

Durante o 14º Congresso de Higiene e Demografia de Berlim, em 1907, recebeu a medalha de ouro pelo trabalho de erradicação da febre amarela do Rio de Janeiro. Em 1910, liderou uma expedição ao Pará, na região onde estava sendo construída a estrada de ferro Madeira-Mamoré, para o combate as endemias que ceifavam inúmeras vidas de seus trabalhadores. Em 1913, tomou posse na Academia Brasileira de Letras.

A pedido do presidente Nilo Peçanha, trabalhou também no combate às formigas saúvas, que causavam grandes prejuízos à agricultura nacional. Em 1916, por motivo de saúde, encerrou suas atividades no Instituto de Manguinhos, já nomeado de Instituto Oswaldo Cruz, e passou a morar em Petrópolis, região serrana do estado do RJ. Mesmo doente, foi nomeado para o cargo de primeiro prefeito da cidade. Preparou um plano de governo que incluía a construção de rede de esgotos e a organização dos serviços sanitários da cidade, a organização do ensino primário, a plantação de hortências nas margens dos rios e a educação física como matéria obrigatória. Pretendia também construir parques para a prática de ginástica, e criar o Museu Imperial e o Jardim Botânico da cidade.

Em 11 de fevereiro de 1917, aos 44 anos, morreu vítima de insuficiência renal, mesmo mal que tirou a vida de seu pai. Morreu em casa, cercado dos familiares e amigos. Foi enterrado no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro, e seu velório foi um comovido acontecimento. Sua memória está preservada em diversas homenagens, tais como livros, moedas, cédulas, selos postais, medalhas, além de ruas, praças e avenidas em todo o Brasil e no exterior- em Paris, na França, uma rua próxima ao Arco do Triunfo leva o seu nome.

Fonte bibliográfica: Projeto memória 2003 da Fundação Oswaldo Cruz.

Presença de Oswaldo Cruz no Rio Grande do Norte
Autor: Frank Tavares Correia - Sebo Vermelho - edições